

O outro lado da economia

Chu Wan Tai *

Brasil 21 NOV 1996

Como explicar o que ocorreu na economia brasileira para alguém que esteve ausente do País nos últimos oito anos? O que ficou dos planos econômicos mirabolantes, inflação astronômica, moeda mutante e messias salvadores?

A economia deste país, apesar de suas atribulações, não poderia deixar de sofrer os ventos de mudança que sopram pelo mundo. Num processo inexorável e impiedoso do darwinismo econômico, velhas fortunas e poderes econômicos vão cedendo lugar a novas lideranças. Aqueles que não souberam adaptar-se aos novos tempos sucumbiram e desapareceram do cenário.

Notamos que o País é formado por mais de uma camada. Há a camada visível, oficial, charmosa, expressiva, gigantesca e poderosa, que não mudou suas posições nos últimos cinco anos. Entre as dez maiores empresas privadas não-financeiras do País houve poucas alterações nos nomes e setores, com domínio dos segmentos automotivo, de combustíveis, produtos de consumo e comércio varejista e forte presença das empresas estrangeiras. Ao estendermos a análise para as cinqüenta maiores, notamos poucas alterações em termos de nacionalidade nesse período.

As empresas brasileiras destacam-se em distribuição (comércio

atacadista e varejista), construção, commodities (aço, produtos químicos, açúcar, suínos e soja), comida/bebida, bens de consumo duráveis e não-duráveis. Nesse quinquênio, as empresas construtoras e de bens de consumo perderam sua posição. As empresas estrangeiras têm o domínio na área de veículos, distribuição de petróleo, computadores, química, distribuição, alimentos, higiene e limpeza. Não houve mudanças qualitativas significativas.

Essas empresas, apesar de sua força, não representam todo o universo. O que se passa nas outras camadas da economia?

Há uma tendência por parte da mídia em veicular notícias nefastas. A permanente crise econômica brasileira é motivo de júbilo e de sustento para muita gente. Sempre me perguntei o que os jornais e os especialistas teriam a dizer se não tivéssemos crises. Reais ou fabricadas, elas alimentam a ilusão de que o País está à beira do cataclismo e que o Dia do Juízo Final se aproxima.

Ao ler as notícias, há sempre a sensação de que o País enfrenta dificuldades gigantescas e in-

transponíveis. Apesar de Deus ser brasileiro, o caminho para o paraíso está cheio de barreiras.

Será que o Brasil anda tão mal?

Procurei esquecer das notícias e saí em busca da verdade que jamais será total e única (aliás, qual verdade o é?). O que observei nas ruas e avenidas numa minúscula parte deste imenso país?

1. Fui almoçar num restaurante onde servem refeições por quilo. O que me chamou a atenção é que o restaurante recém-instalado tinha mais de 1.000 m². Foram investidos mais de R\$ 3 milhões na reforma do local, gerando mais de 60 empregos. Nesse mesmo local, numa mesa contígua à minha, um empresário industrial estava se queixando dos maus tempos, da abertura do mercado para os importados.

2. Levei um amigo brasileiro residente no exterior a uma churrascaria, cujos preços eram tão ou mais elevados que os de Nova York ou Paris. O local, apesar dos preços, estava repleto. Notei que os manobristas têm uma boa retirada extra graças às gorjetas.

3. Fui tirar xerox numa copiadora. Deparei-me com um jovem que me informou ter segundo grau completo, trabalhando como assistente administrativo e auferindo uma renda mensal de R\$ 300. O sonho dele? Comprar um carro!

4. A cidade de São Paulo está modificando suas feições.

De uma economia industrial está passando para a de serviços. O número de feiras, exposições, seminários, eventos artísticos e culturais é abundante. Calcula-se que se realizam nesta cidade mais de 350 feiras por ano, que atraem mais de 4 milhões de visitantes de todo o País e 450 mil do exterior. Participei de duas recentemente: Bienal do Livro e Gift Fair. Não notei lamúrias dos expositores, mas um esforço ingente de vender, propagar seus produtos numa competição livre e feroz.

5. Alguns setores estão indo muito bem (os empresários, quando vão bem, atribuem isso à sua genialidade e capacidade; quando vão mal, atribuem à imperícia e à incapacidade alheia, sobretudo go-

vernamental). Destaco os setores de ensino, saúde, segurança e lazer. Sem querer entrar no mérito da questão sobre se essas atividades deveriam ser ou não lucrativas, a realidade é que aumentou expressivamente o número de pessoas/empresas que se dedicam a elas. Riquezas foram criadas e transferidas rapidamente.

Como as taxas escolares e planos de saúde no Brasil são tão ou mais caros que os da Suíça ou dos EUA, mas a remuneração dos médicos e professores não segue o mesmo patamar de seus congêneres no exterior, não é preciso ser gênio para saber que a mais-valia ficou para os empresários.

6. Fiz uma visita à periferia de um município na Grande São Paulo. Nessa região, outrora erma, há hoje construções, comércio, linhas de ônibus, empresas. Enfim, um burburinho incessante de atividades humanas.

7. Recente pesquisa do IBGE mostra que o Brasil realiza progressos, a despeito de uma concentração de renda iníqua. Para uma população estimada em 152.374.603 pessoas em 1995, o número de domicílios que possuem

Pesquisa recente do IBGE mostra que o Brasil realiza progressos, apesar de uma iníqua concentração de renda

há nessa luta um sentimento de estar vivo, há um empenho de sobrepujar-se, de ultrapassar seus limites, de um contínuo, silencioso, mas persistente movimento.

Essa economia não pede incentivos, favores, proteções nem subsídios. Não aparece nas manchetes de jornais. Seus representantes não dão entrevistas com a presunção de dizer aos governantes o que eles devem ou não fazer.

Essa economia simplesmente existe e trabalha para a construção de um país mais forte e justo. ■

* Chinês de nascimento, é formado pela FEA/USP, onde lecionou; foi professor na Universidade de Finanças e Economia de Xangai, China; Autor do estudo "China: Oportunidades de Negócios", da Editora CL-A Cultural, e consultor especial associado à CL-A Comunicações.

GAZETA MERCANTIL
luz é de 91,7%; água: 76,2%; rádio: 88,8%; geladeira: 74,8%; televisor: 81,0%; fogão: 96,4%.